

## O QUE É UM AMBIENTE? UM EXAME DAS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E PRIMATOLOGIA

Mateus Oka (PIBIC/CNPq), Fagner Carniel (Orientador), mateus.oka@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR

**Área e subárea do conhecimento:** Teoria Antropológica

**Palavras-chave:** primatologia, ambiente, ciência.

### Resumo:

As relações entre as questões humanas e de outros animais historicamente parecem questões opostas. Entretanto, a antropologia nasceu a partir de uma inspiração nas ideias evolucionistas advindas das biociências. Uma possibilidade de colocar esse diálogo em outros debates – dessa vez crítico ao colonialismo e às consequências eugênicas – pode ser a partir da antropologia sociocultural e a primatologia. Para investigar essa possibilidade, foram selecionados artigos científicos em revistas internacionais de primatologia que utilizavam com frequência o termo “ambiente” (environment). Um exame nas publicações revelou a multiplicidade de acepções do termo, desde aquela adotada por objetivos ambientalistas até para pensar a definição de espécie. Além disso, uma vertente recente – a etnoprimitologia – emergiu em destaque nos artigos selecionados. Esses dois pontos – a pluralidade de definições de “ambiente” e a etnoprimitologia – oferecem contextos profícuos para o desenvolvimento de um diálogo entre a antropologia sociocultural e a primatologia, podendo promover um desenvolvimento teórico de ambas as disciplinas.

### Introdução

As possibilidades de pensar a humanidade no contexto de uma tradição euro-americana (STRATHERN, 2014) foram certamente influenciadas pelo impacto da divulgação da tese darwinista em *A Origem das Espécies*. As ideias de Darwin, um naturalista, definiram os rumos das biociências, mas o seu alcance se estende também às ciências humanas e, particularmente, à antropologia. Essa disciplina acadêmica, não por acaso, emergiu no século XIX fortemente influenciada pelas formulações darwinistas sob o título de evolucionismo cultural ou antropologia evolucionista, estabelecendo um vínculo entre os fenômenos sociais ou culturais com as noções de evolução (RAPCHAN, 2010).

Todavia, a aliança entre as teses evolucionistas e o objetivo de estudar vidas humanas resultou em uma hierarquia valorativa, linear e universal entre culturas no qual a sociedade ocidental ocuparia a posição superior, coincidindo com os alvos colonialistas de dominação, e também as ideias eugenistas. Desde então, a

antropologia sociocultural se posicionou contra as teses da antropologia evolucionista abandonando essa perspectiva. A disciplina passou então a documentar sobre a diversidade humana, produzindo um estranho paradoxo: “uma forma de conhecimento cuja pretensão original era tratar do humano numa perspectiva universal e que se tornou viável a partir do estudo da particularidade, de cada população humana em sua especificidade.” (RAPCHAN, 2010, p. 228).

Por sua vez, uma outra disciplina científica parece compartilhar, parcialmente, algumas similaridades históricas com a antropologia sociocultural: a primatologia. Ela também nasce com uma forte influência evolucionista e com a expectativa de elucidar a história evolutiva humana a partir do estudo de primatas. Foi com Jane Goodall que uma das primeiras pesquisas com chimpanzés selvagens foram conduzidas, e desde então o trabalho de campo na primatologia tornou-se uma prática comum, transformando as teorias prévias. Se, à princípio, primatas eram considerados uma versão simplificada de seres humanos, como protótipos, a primatologia logo percebeu a complexidade desses animais e suas organizações sociais em lógicas próprias.

Além disso, a tentativa de pensar na história filogenética da humanidade passou a conviver com o trabalho de campo que estuda grupos particulares de primatas, em um esforço de generalização – esse empreendimento, no entanto, acabou culminando em uma linhagem recente na primatologia que defende a existência de cultura em primatas, uma vez que foram descobertas práticas sociais diferenciadas para cada grupo dentro de uma mesma espécie (RAPCHAN, 2010). Desse modo, a primatologia parece oferecer um eixo útil de conexões parciais (STRATHERN, 2014) com a antropologia e, talvez, um melhor exame daquilo que são chamadas “ciências modernas” (LATOURE, 1994).

O objetivo deste estudo foi, portanto, realizar um exame de artigos publicados na primatologia que permitissem investigar as relações possíveis entre essa disciplina científica e a antropologia sociocultural.

## Revisão de literatura

Uma vez que as teorias antropológicas têm se voltado cada vez mais às questões ambientais (LATOURE, 2014) e sendo estas uma das razões de uma tentativa de reaproximação com as biociências, foi escolhida a palavra-chave “environment” como termo de busca de publicações científicas. Foram escolhidos artigos das três revistas internacionais especializadas em primatologia: *Primates*, *American Journal of Primatology* e *International Journal of Primatology*. Para a coleta de artigos mais recentes, foram selecionadas apenas as publicações pertencentes ao ano de 2018, resultando em 151 trabalhos que continham a palavra buscada. A fim de selecionar aqueles que reservam maiores chances de apresentar uma discussão mais densa ou um uso variado do termo, foram escolhidos apenas os artigos que utilizassem, no mínimo 10 vezes, a palavra-chave ao longo do texto. A partir desses critérios de seleção, 18 artigos compuseram o material de pesquisa.

Esse conjunto de textos foram analisados tendo como foco os sentidos que a palavra-chave tomou nos diferentes contextos de pesquisa. Os resultados foram, por fim, categorizados em acepções que organizaram os diferentes usos de “ambiente” (environment) e deram pistas para um diálogo entre primatologia e antropologia.

## Resultados e Discussão

Foi possível identificar pelo menos cinco acepções diferentes dadas para o termo “ambiente”. Primeiro, há a ideia atrelada às políticas ambientalistas, ou seja, o meio ambiente como uma categoria que mobiliza sensibilizações e carrega um discurso de conservação da natureza. Nesse sentido, ambiente e natureza podem se intercambiar, seja o que for que tais palavras englobem. Em segundo lugar, o ambiente é entendido de maneira mais específica: são as condições experimentais criadas pelos (as) cientistas para realizarem sua pesquisa. Para esse sentido, o ambiente é tudo aquilo que foi construído da maneira mais adequada nos padrões científicos, com o objetivo de controlar as variáveis e obter resultados confiáveis no estudo. Paradoxalmente, essas duas acepções de ambiente se confrontam de maneira oposta: enquanto um reserva uma ideia de natureza intocada e de necessária conservação, a outra pensa o termo como uma descrição do espaço controlado cientificamente.

As demais três noções de ambiente, para serem definidas, possuem uma relação dicotômica mais explícita com outros termos. A terceira acepção sugere um binarismo entre espécie e ambiente, como dois aspectos interdependentes: por um lado, o ambiente é descrito apenas em função da espécie que o habita; por outro, uma espécie só se desenvolve e se torna aquilo que é em decorrência das adaptações em relação ao seu ambiente. Portanto, uma espécie, em termos mais holísticos, não se esgotaria aos seu genoma – ou mesmo à sua anatomia e morfologia –, mas abarcaria também as complexas relações produzidas com todo o ambiente. Nesse sentido, os limites dessa dicotomia podem ser borrados e pensados até mesmo como inexistentes.

A quarta noção de ambiente de certa forma abrange a anterior por significar simplesmente o lado oposto ao “interior” – ou seja, tudo aquilo que compõe a parte que pode ser chamada de “exterior”. Naturalmente, o que é interno ou externo varia a depender do que se está sendo pensado: por exemplo, o sistema digestivo primata é composto de uma diversidade de micro-organismos sem os quais não funcionariam; assim, esses seres que, por mais que não sejam as próprias células do organismo do animal, não são considerados como o exterior. Por sua vez, a ecologia, outros animais ou até mesmo a alimentação podem ser classificados como ambiente. Em último lugar, o termo ambiente pode denotar simplesmente todas as variáveis não-identificadas dentro do desenho da pesquisa. Consequentemente, esse termo surge geralmente no item das discussões do artigo científico, uma vez que nesse contexto são consideradas as possíveis variáveis que não foram previstas no início. Ainda, quando não é possível explicar alguma variação ou desvio no padrão geral dos resultados, costuma-se justificar que “variáveis ambientais” devem ter influenciado o estudo. Assim, o ambiente se constitui como uma série de fatores imprevisíveis e não controlados na pesquisa.

Ainda, a seleção de publicações recentes permitiu identificar debates promovidos por grupos bastante ativos contemporaneamente na primatologia – particularmente, pesquisadoras e pesquisadores da área emergente da etnoprmatologia. Dos 18 artigos selecionados, 6 trabalhos sobre etnoprmatologia compuseram o material, em decorrência de um número especial na International Journal of Primatology dedicado à disciplina na atualidade. Esse fator é bastante relevante porque todos os artigos de etnoprmatologia argumentaram a favor de uma reestruturação da disciplina primatológica, uma mudança na abordagem de pesquisa ou uma soma de novas

teorias e metodologias – todas elas baseadas na inserção da antropologia sociocultural. Essa defesa de uma combinação disciplinar para a primatologia se dá motivada pelos problemas ambientais globais ou o que se pode chamar de Antropoceno, no qual os fenômenos estudados atualmente não podem ser mais pensados de maneira deslocada da influência humana.

## Conclusões

O ambiente, portanto, pode oferecer dois pontos de possibilidades de diálogo entre a primatologia e a antropologia sociocultural, por meio de conexões parciais (STRATHERN, 2014). A primeira é pela multiplicidade de definições do termo – todas elas, em maior ou menor medida, fazem emergir dualidades bem trabalhadas na teoria antropológica como natureza/cultura, interno/externo, ou até mesmo o binarismo indivíduo/sociedade. Além disso, o ambiente é frequentemente considerado em sua exterioridade, como algo construído e, portanto, fatores sociais e culturais geralmente equivalem também a esse termo. Uma comparação ficcional com a antropologia e dados etnográficos pode oferecer um exercício teórico interessante.

A segunda possibilidade é mais explícita e proposta pela própria primatologia, pela via da etnoprimitologia. Nesse contexto, não é possível ignorar a chamada de tais novas tendências das biociências e continuar reforçando a tendência refratária das ciências humanas para com as ciências da natureza. É necessário analisar os termos em que esse diálogo tem ocorrido e como as teorias antropológicas têm sido apropriadas nesse campo. A primatologia, portanto, parece ser um universo profícuo para o desenvolvimento da disciplina da antropologia sociocultural, e talvez oferecer diálogos que possibilitem um intercâmbio mútuo de conhecimentos.

## Agradecimentos

À CNPq pelo fomento à pesquisa por meio das bolsas, sem as quais não seria possível o desenvolvimento deste estudo.

## Referências

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de antropologia**, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. Sobre o comportamento de chimpanzés: o que antropólogos e primatólogos podem ensinar sobre o assunto? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 227-266, 2010.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Tradução: Iracema Dullely, Jamilyne Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.